

O papel do *amor cortês* e dos jograis na *Educação da Idade Média*: Guilherme da Aquitânia (1071-1127) e Ramon Llull (1232- 1316)

Ricardo da Costa (Ufes)

Est enim amicitia nihil aliud nisi omnium diuinarum humanarumque rerum cum beneuolentia et caritate consensio; qua quidem haud scio an, excepta sapientia, nihil melius homini sit a dis immortalibus datum. Cícero, DE AMICITIA, 20, VI.

A **amizade** não é senão uma harmonia entre todas as coisas, tanto divinas quanto humanas, acompanhada pela **benevolência** e a **estima**; creio que, realmente, à exceção da **sabedoria**, não há nada melhor que ela, das coisas outorgadas pelos deuses imortais ao gênero humano.

Uma civilização não se alicerça em uma cultura somente com a educação formal, das escolas. Para que o papel das instituições se concretize, é necessário que, antes, haja um fermento, uma *ebulição cultural*, baseada primordialmente naquele desejo pessoal e íntimo de melhorar, de *se* melhorar. Sem essa alavanca, não há esforço bem sucedido; sem esse *élan*, sem esse germen, sem esse preparo do terreno, não há sementeira que brote, que desabroche e que frutifique a partir da terra.

A Idade Média viu florescer esses dois movimentos que se fundiram na Educação. De um lado, na raiz, o persistente trabalho institucional dos clérigos e monges da Igreja Católica preservou o conhecimento antigo e a tradição educacional das *sete artes liberais*, remodeladas na *caritas* cristã, nos mosteiros e escolas, e, posteriormente, no original fruto dessa bela árvore, as universidades.

De outro, a *iniciativa secular*, visível aos historiadores nos movimentos culturais, que podem ser percebidos, principalmente, a partir do fim do Império Carolíngio, com o fracionamento do poder naquilo que costumamos chamar de *feudalismo*, e a difusão das cortes principescas, pólos de poder, mas, sobretudo, de cultura profana.

E uma das manifestações seculares mais visíveis e determinantes para o *processo civilizador medieval* foi a do *movimento trovadoresco*, difundido no Ocidente a partir do sul da França, mais particularmente desde os poemas de Guilherme IX da Aquitânia (1071-1127), poderoso duque daquela parte romanizada do território francês (além de conde de Poitiers).

Naquele mosaico de senhorios de todos os tipos e tamanhos que compunham o sul da França, floresceu uma poderosa vida social em torno das cortes e ao redor das damas castelãs e das outras senhoras de uma maneira geral, um refinado lirismo antes desconhecido.

De uma rudeza vulgar expressa em seus versos dos primeiros tempos, aqueles homens, até então educados unicamente para demonstrar seus dotes mais viris na violência da guerra e dos torneios, logo passaram a exaltar poeticamente o gozo fugaz, a submissão à dama, a fidelidade amorosa, a melancolia da paixão ardente, e a natureza como suma mestra da vida.

Em outras palavras: o amor manifestado no lirismo das poesias que gradativamente aqueles homens violentos expressaram às mulheres ajudou, lentamente, a moldar, a refinar, enfim, a construir o *depositório educacional europeu* no qual as instituições cristãs solidificaram.

As cortes se tornaram centros de patrocínio literário. Prestígio. Artistas deambulavam de um castelo a outro. As pulsões se tornaram mais controladas – afinal, a presença da castelã, da *domina*, impunha formas mais pacíficas e suaves de conduta, de sociabilidade. Pois não era ela para que convergiam os olhares e desejos?

Mas qual o peso da moderação das paixões e a sublimação dos instintos na construção de uma educação mais sólida e profunda? Sem dúvida, enorme. Essa lentíssima evolução em direção a uma sociedade refinada e educada pode ser percebida de muitas formas. Mostrarei apenas dois casos. O primeiro, o gradativo refinamento do próprio Guilherme da Aquitânia. Depois, desejo indicar o quanto a descoberta do amor por parte dos homens – e todas as conseqüências sociais disso (como o adultério, por exemplo) – revoltaram os moralistas, os ascéticos, os desejosos de purificação espiritual.

Nesse último caso, basear-me-ei no alerta do filósofo Ramon Llull (1232-1316) contra a lascívia dos jograis, do canto, da música. Entre um e

outro, a distância de um século e meio. Nesse tempo, a Idade Média viu nascer a educação dos homens com as mulheres, a aceitação da submissão do fisicamente mais forte à vontade do mais fraco, enfim, a civilização.

I. “Meu nome é mestre certo”: Guilherme da Aquitânia (1071-1127)



Guilherme da Aquitânia.

Bibliothèque Nationale, MS cod. fr. 12473 (séc. XIII).

Em sua *História Eclesiástica*, o monge Orderico Vital (1075-1142) nos diz que o duque Guilherme foi “...audaz e probo, sobretudo jucundo, inclusive superando, com suas múltiplas graças, aos histriões mais graciosos” (*hic audax fuit et probus, nimiumque jocundus, facetos etiam histriones facetiis superans multiplicibus*).

Por sua vez, o historiador inglês Guilherme de Malmesbury (c. 1080-1145), em sua *De gestis regum Anglorum*, nos conta:

Vivia então Guilherme, conde de Poitou, homem fútil e velhaco que, após deixar Jerusalém (...), retornou à indolência no lodaçal de todos os vícios (...) Além disso, revestindo suas tolices com um certo encanto superficial, fazia-as passar por agudezas, distendendo com risos os maxilares de suas audiências (...) Proclamava insensatamente que iria estabelecer esta ou aquela moça, de quem dizia o nome, todas de bordéis famosos, como sua abadessa, sua priora, e outros cargos oficiais seus.

Malmesbury ainda nos diz que esse conde, estúpido e lascivo (*fatuus et lubricus*), conquistou a esposa de um visconde, “uma rameira”, gravou sua imagem em seu escudo, e inúmeras vezes afirmou que a sustentaria nas batalhas, da mesma forma como ela fazia com ele na cama (sabemos hoje que se tratava de Aenor Dangereuse, *a Perigosa*, esposa do malfadado Aimerico I de Rochefoucauld, visconde de Châtellerauld).

Godofredo, abade de Vigeois (1170-1184), em sua *Crônica*, tampouco é indulgente com Guilherme: “ele nunca se conformou ao nome cristão, pois foi um ardente amante de mulheres e, por isso, foi inconstante em todas as suas atividades (*verumtamen nomini christiano nihil contulit; era nempe vehemens amator feminarum; idcirco in operibus suis inconstans extitit*), e Godofredo, o Gordo, em sua *Vida do beato Bernardo, fundador da congregação de Tirônio, na Gália* (1251), acusa Guilherme de totalmente inimigo da pudicícia e da castidade (*totius pudicitiae ac sanctitatis inimicus*).

Com todas essas considerações deixadas pelos medievais aos pósteros, sabemos que Guilherme IX da Aquitânia foi um homem que viveu uma vida dedicada aos prazeres carnis. Às mulheres. Para a nossa sorte, ele canalizou parte dessa energia pulsante para as letras, e escreveu, e cantou. Restaram onze canções de sua autoria, nas quais podemos vislumbrar um mundo fascinado pela descoberta do amor, e indeciso entre a luxúria desordenada e sua sublimação no *amor cortês*.

Assim, em uma de suas canções, duas mulheres são como cavalos prestes a serem selados (I, 3); em outra, duas fogosas senhoras participam de um *ménage à trois* com nosso poeta, que tem cento e oitenta e oito (!) relações sexuais com elas (V, 14).

Contudo, pouco a pouco – ou paralelamente, pois a datação das canções é motivo de controvérsia – seu *lirismo pornográfico* caminha ao lado de uma poesia mais elevada, refinada, de amor à natureza, submissão à amada, louvor à alegria do prazer, ao entusiasmo do gozo e à felicidade de viver o amor (*joiz*).

Por exemplo, a *Canção VII* assim inicia:

*Pos vezem de novel florir
pratç, e vergiers reverdezir,
rius e fontanas esclarçir,
auras e vens
ben deu chascus lo joi jauçir
don es jauçens.*

Pois vemos novamente florir
os prados, e os vergéis reverdejarem,
os rios e as fontes clarearem
auras e ventos,
bem deve cada um gozar o gozo
do qual está gozoso. (**todas as
traduções são nossas**)

Embora sua fanfarronice permaneça e ele se jacte de sua *performance*

*Qu'ieu ai nom maistre certa:
ja m'amigu' anueg no m'aura
que no'm vueill' aver l'endema;*

Meu nome é “mestre certoiro”:
jamais minha amiga me terá uma noite
sem me desejar ter no dia seguinte;

<i>qu'ieu soi be d'est mester, so'm va,</i>	pois sou bom neste ofício, e sou
<i>tant ensenbatz</i>	envaidecido
<i>que be'n sai gazarbar mon pa</i>	e tão habilidoso,
<i>en totz mercatz.</i>	que bem sei ganhar meu pão
	em qualquer mercado. (VI, 6)

Guilherme ao mesmo tempo inaugura a delicada *prostração masculina* ao “sexo frágil”:

<i>Ja no sera nuils hom bem fis</i>	Ninguém será bem feito
<i>contr'amor, si non l'es aclis,</i>	no amor, se não se inclinar a ele,
<i>et als estranhs et als vezis</i>	nem se com estranhos e vizinhos
<i>non es consens,</i>	não for aquiescente
<i>et a totz sels d'aicels aizis</i>	e a todos os seus
<i>obediens</i>	obediente. (VII, 6)

<i>Qu'ans mi rent a lieis e'm liure,</i>	Pelo contrário, me submeto e me
<i>qu'en as carta'm pot escriure.</i>	entrego a ela:
<i>E no m'en tenguatx per iure,</i>	pode inscrever-me em sua lista
<i>s'ieu ma bona dompna am;</i>	e não me tenhas por ébrio
<i>quar senes lieis non puesc viure,</i>	se amo a minha boa senhora,
<i>tant ai pres de s'amor gran fam.</i>	pois sem ela não posso viver
	tamanha fome tenho de seu amor.
	(VIII, 2)

Na profunda transformação que o amor causa no coração e no comportamento dos homens, o poeta louva o poder da amada e enaltece sua beleza:

<i>Per son joi pot malaus sanar,</i>	Através de seu gozo, pode o doente
<i>e per sa ira sas morir,</i>	sarar,
<i>e savis hom enfolezir,</i>	e por sua ira, o são morrer,
<i>e belhs hom sa beutat mudar,</i>	o sábio enlouquecer,
<i>e'l plus cortes vilaneiar,</i>	o belo, sua beleza mudar,
<i>e'l totz vilas encortezir.</i>	o mais cortês, rusticar,
	e o mais vil, cortejar. (IX, 5)
<i>Que plus ez blanca qu'evori,</i>	Ela é mais branca que o marfim,
<i>per qu'ieu outra non azori,</i>	por isso, outra não adoro.
<i>Si'm breu no'n ai aiutori,</i>	E se rapidamente não tiver a ajuda
<i>cum ma bona dompna m'am,</i>	do amor de minha boa senhora,
<i>morrarai, pel cap Sahn Gregori,</i>	morrerei, pela cabeça de São
<i>si no'm baix' en cambr' o sotz ram.</i>	Gregório,
	se ela não me beijar, no quarto ou sob o
	ramo. (VIII, 3)

Na *Canção X*, o amor conjuga-se na Primavera, pois ela é o lugar do amor, tempo propício porque doce:

*Ab la dolchor del temps novel
foillo li bosc, e li aucel*

*chanton, chascus en lor lati,
segon lo vers del novel chan:
adonc esta be c'om s'aisi
d'acho dont hom a plus talan.*

*De lai don plus m'es bon e bel
non vei mesager ni sagel,
per que mos cors non dorm ni ri*

*ni no m'aus traire adenan,
tro qu'eu sacha ben de la fi,
s'el'es aissi com eu deman.
La nostr'amor va enaissi
com la branca de l'albespi,
qu'esta sobre l'arbr' en creman,
la nuoit, ab la ploi' ez al gel,
ro l'endeman, que l sols s' espan*

per la fueilla vert el ramel.

Com a doçura do novo tempo
os bosques se cobrem de folhas, e as
aves

cantam, cada qual em seu latim,
segundo o verso do novo canto.
Então está bem que cada um se torne
aquilo que mais deseja.

Do melhor e mais belo lugar
não vejo mensageiro nem carta.
Por isso, meu corpo não dorme, nem
ri

nem me atrevo a seguir adiante
até que saiba bem se o final
será assim como desejo.

Com o nosso amor ocorre o mesmo
que à rama do espinho branco
que treme sob a árvore
à noite com a chuva gelada
até o dia seguinte, quando o Sol se
estende
pelas verdes folhas e ramos.

Em sua última canção (XI), Guilherme, já próximo do fim de sua luxuriosa vida, considera a morte, melancolicamente se despede das vaidades do mundo e pede a Deus que o aceite em Sua Glória:

*De proeza e de joi fui,
mais ara partem ambedui;
et iei irai m'en a Cellui
on tut peccador troban fin.*

*Mout ai estat cuendes e gais,
mas Nostre Seigner no'l vol mais:
ar non puesc plus soffrir lo fais,

tant soi aprochatz de la fi.*

*Tot ai guerpit cant amar sueill:
cavalaria et orgueill;
e pos Dieu platz, tot o acueill,
e prec Li que'm reteng' am Si.*

Pertenci à proeza e à alegria,
mas agora parto de ambas
e me dirijo Àquele
no qual todo pecador encontra fim.

Muito jovial e alegre tenho sido
mas Nosso Senhor não o quer mais.
Agora não posso mais suportar o
peso,
tão próximo estou do fim.

Abandonei tudo o que costumava
amar,
cavalaria e orgulho,
e como a Deus agrada, tudo aceito
e Lhe rogo que me retenha Consigo.

Toz mos amics prec a la mort,

*que'i vengan tut e m'onren fort;
qu'ieu ai agut joi e deport
loing e pres et e mon aizí.
Aissi guerpisc joi e deport,
e vair e gris e sembeli.*

Na morte, peço a todos os meus amigos

que venham e me honrem fortemente pois mantive a alegria e a diversão distante e próximo de minha casa. Assim, renuncio à alegria e diversão e às peles de arminho, de esquilo cinza e de zibelina. (*Canção XI*, 7-11)

Ao navegar entre a vulgaridade e o sublime, o primeiro trovador nos mostra o impacto do amor entre aqueles homens rudes, até então acostumados somente com a rispidez do exercício da violência. Será que podemos imaginar o quanto as estruturas educacionais foram favorecidas por esses novos homens que aprenderam a sofrer, a considerar, a se angustiar e devanear com aquele novo e profundo sentimento que transborda nessas poucas linhas que o tempo nos legou?

Não devemos, pois, subestimar o papel do *amor cortês* no *processo civilizacional cristão*. Até porque, mesmo entre os clérigos, na educação formal, não se deixava de considerar a importância do amor: segundo Tomás de Aquino (1225-1274), para aprender verdadeiramente, o homem deveria ter solicitude e afeto por aquilo que queria recordar, pois, onde não houvesse interesse e amor, não se fixariam as impressões na alma. *Saber de cor* era saber com o coração, isto é, com amor.

II. “Como se proteger do que fazem os jograis”: Ramon Llull (1232-1316)



Ramon Llull. Detalhe da iluminura 5 do *Breviculum* (*Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum* Handschrift der Badischen Landesbibliothek Karlsruhe aus der Klosterbibliothek Sankt Peter Signatur: St. Peter perg. 92).

O efeito dessa descoberta foi devastador: nunca mais as relações sociais entre homens e mulheres foi a mesma. Contudo, só podemos supor que a Educação passou a se difundir a partir das escolas e universidades sob um *novo fundo social*, no qual novas regras mais delicadas, de conduta e comportamento, muito lentamente foram estabelecidas.

Além disso, as conseqüências do ponto de vista moral foram igualmente avassaladoras. Sim, porque o amor, para os medievais, só poderia nascer da livre escolha, fora do casamento, e entre uma mulher mais velha, casada, portanto, com experiência de vida, e um jovem, solteiro, que, apaixonado, juraria fidelidade e segredo a essa senhora.

Nosso segundo personagem dista século e meio de Guilherme. Ramon Llull cresceu em meio ao ambiente cortês de Jaime II de Maiorca (1243-1311). Quando jovem, já casado, ele mesmo nos conta, em sua autobiografia, que se dedicava a compor vãs cantilenas ou canções, “...assim como a outras lascívias desse século”:

Quan Ramon era senescal de la tanla del Rei de Mallorca, era encara jove i es dedicava massa a la composició de vanes cantilenes o cançons així com a altres lascíviies del segle. Una nit estava assegut al costat del seu llit, disposat a compondre i escriure en la seva llegua vulgar una cantilena sobre certa dona que llavors amava amb una amor fada.

Quando Ramon era senescal da mesa do rei de Maiorca, era ainda jovem e se dedicava muito à composição de vãs cantilenas ou canções, assim como a outras lascívias desse século. Uma noite, estava sentado na cabeceira de seu leito e disposto a compor e escrever em sua língua vulgar uma cantilena sobre certa senhora que então amava com um amor feiticeiro. (*Vida Coetânia*, I, 2)

Essa é a única informação do passado trovadoresco de nosso autor em suas memórias antes de sua conversão a Cristo. Trinta anos em poucas linhas! Mas isso é fácil de explicar: como todas as estórias contadas na Idade Média deveriam servir de exemplo para seus ouvintes, não é de se admirar que uma vida desregrada em uma biografia merecesse um espaço tão exíguo.

Contudo, encontramos algumas lamentações de nosso autor a respeito de seu passado cortês em outra monumental obra sua, o *Livro da Contemplação* (c.1275):

Ab misericordiós Senyor, ple de misericòrdia e de pietat! La mia subtilea és estada en moltes malvades obres, car jo m’assubtilava, Sènyer, en fer engans e falsies e en cantars

e en trobars e en moltes altres coses qui re no vallien, e en los defalliments ni en les errades que jo faïa no m'assubtilava a conèixer aquelles errades ni aquells falliments.

Ah, Senhor misericordioso, cheio de misericórdia e de piedade! Minha sensibilidade tem estado em muitas obras más, pois eu me sensibilizava, Senhor, em cometer enganos, falsidades, cantares, trovas, e em muitas outras coisas que não valiam nada. Além disso, nas faltas e erros que cometia, eu não me sensibilizava em entender aqueles erros nem aquelas faltas. (CCVIII, 19)

Assim, ninguém melhor que um ex-jogral para expor as mazelas do ofício. E o alerta do filósofo é extremamente realista e contundente: ele não conhece outra arte tão vil como a dos jograis (*art de joglaria*), pois apesar de o trovador ter seu entendimento, memória e vontade concentrados nas palavras, no som e nas canções que deseja compor (*cançó que vol atrobar*), ele só o faz para exaltar as luxúrias e vaidades desse mundo, soando instrumentos e cantando putarias (*sonen los estruments e qui canten de putaria*) (CXVIII, 3).

Os jograis são amados, queridos e instados por todos, mas louvam somente os homens luxuriosos, gastadores, cheios de vícios e pecados (CXVIII, 11) – aqui não podemos deixar de lembrar-nos da imagem paradigmática de nosso primeiro trovador, Guilherme da Aquitânia. E pior: os jograis causam uma terrível desordem social, especialmente na moral, pois (à maneira de Guilherme) corrompem as mulheres, casadas ou não:

Eternal Senyor en lo qual són acabades totes les glòries e totes noblees e totes vertuts; nós veem que per ço que.ls joglars fan e dien, que són contençons e guerres e baralles enfre.ls prínceps e.ls cavallers e.ls pobles. E per los joglars són dones desmaridades, e poncelles corrompudes e ensutzades; e per los joglars són hòmens altius e orgulloses, e desconeixents e deslleials.

Eterno Senhor, no qual são finitas todas as glórias, nobrezas e virtudes. Nós vemos que, por causa do que os jograis fazem e dizem, existem disputas, guerras e batalhas entre os príncipes, os cavaleiros e os povos. Por causa dos jograis, as senhoras perdem seus maridos e as donzelas são corrompidas e maculadas, e, por causa dos jograis, os homens se tornam altivos, orgulhosos, mal-agraçados e desleais. (CXVIII, 7)

Os jograis soam seus instrumentos à noite, pelas praças e ruas, e movem os corações das mulheres à putaria (*moven lo coratge de les fombres a puteria*). Por isso, aliciadas, elas cometem falsidades e traições a seus maridos (*facen falsia e traïció a lurs marits*, CXVIII, 8).

O filósofo sonha em ver jograis que digam a verdade, e tratem dos cinco sentidos corporais e espirituais, e que não somente “..cantem, dancem, e soem instrumentos diante dos homens para dar alegria e prazer em seus cantares” (CXVIII, 22), para assim ganharem de seus senhores “...cavalos, palafréns, copos de prata, nobres vestimentas, dinheiros de ouro e prata, e outros ricos dons” (CXVIII, 26). Existe melhor retrato social de uma época do que as denúncias dos moralistas?

E Ramon conclui:

Com jo vostre servidor e.l vostre sotsmès haja estat, Sènyer, ça enrera fals loador e mintent maldeïdor, pus que vós l’havets esguardat ab los vostres ulls piadosos plens de misericòrdia, d’aquí avant proposa, Sènyer, que sia vertader joglar, en donar laor vertadera de son senyor Déu.

Como eu, vosso servidor e súdito, Senhor, há tempos tenho sido um louvador falso e desprezível, além de um mentiroso amaldiçoador, e como Vós haveis olhado [para mim] como os Vossos olhos piedosos e cheios de misericórdia, daqui em diante eu proponho, Senhor, ser um verdadeiro jogral, e dar o verdadeiro louvor de meu Senhor Deus. (CXVIII, 30)

A partir de então, como expresso acima, Ramon decide ser um trovador da fé de Cristo, um *jogral de Deus (joculator Dei)*, proposta de cariz franciscano típica da pregação urbana do século XIII.

Somada a isso, suas invectivas contra os jograis mundanos nos mostram o quanto a “arte da jograria” era estimada pela sociedade medieval, e o quanto a descoberta da cortesia e do amor cortês refinaram as sociabilidades e alteraram as sensibilidades da época, proporcionando condições muito mais propícias para a educação e o ensino de um modo geral.

Conclusão

Immanuel Kant (1724-1804) nos ensinou o valor do conceito de *Humanidade*, aquilo que é comum a todos os seres humanos, em todos os tempos (ou deveria sê-lo). No caso do filósofo alemão, a trágica e orgulhosa consciência humana de princípios auto-impostos e aprovados, e a convicção da dignidade do homem baseada em valores, mas também na serena aceitação de nossas limitações.

Essa consciência que o Ocidente tem (ou tinha) de si mesmo foi laboriosamente construída durante a Antiguidade e a Idade Média, especialmente com base na educação clássica, moldada por séculos de cultura cristã. Não é à toa que a mulher ocidental possui características notadamente distintas da mulher oriental, particularmente no que diz respeito à posição que ocupa – ou pode ocupar – na sociedade.

A educação ocidental difundiu-se com base no conceito de *amor*. Seu terreno expandiu-se generosamente no período que esse pequeno trabalho se debruçou. Nosso olhar para trás pretendeu redimensionar a história de nossa cultura, e tentou compreender os fios que a teceram. Amorosamente.

Este opúsculo é dedicado ao querido mestre **Jean Lauand**,
que soube, com seus maravilhosos textos,
mostrar o valor do conhecimento como escada para a *Sabedoria*.

Fontes

- CICERÓ. *Leli (De l'amistat)*. Barcelona: Fundació Bernat Metge, 1999.
- Guillermo IX. *Duque de Aquitania y Jaufré Rudel. Canciones completas* (edición bilingue preparada por Luis Alberto de Cuenca y Miguel Angel Elvira). Madrid: Editora Nacional, 1978
- SPINA, Segismundo. *A Lírica Trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996.
- RAMON LLULL. *Obres Essencials (OE)*. Barcelona: Editorial Selecta, 1960.

Bibliografia

- BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- COUTINHO, Priscilla Lauret e COSTA, Ricardo da. “Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da Condição Feminina na Idade Média”. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12*. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), diciembre de 2003, p. 4-28.
- DUBY, Georges. *A Idade Média na França (987-1460). De Hugo Capeto a Joana D'Arc*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- DUBY, Georges. “O modelo cortês”. In: DUBY, Georges e PERROT, Michele (dir.). *História das Mulheres no Ocidente. Volume 2 - A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento / São Paulo: Ebradil, s/d, p. 330-351.
- MEADE, Marion. *Eleonor de Aquitânia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- OLIVEIRA, Terezinha. “O feudalismo e a educação nos castelos medievais”. In: OLIVEIRA, Terezinha (org.). *II Ciclo de Estudos Medievais: Saber e Poder na Idade Média. Anais Completos*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000, p. 148-155.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- PERNOUD, Régine. *A Mulher nos tempos das cruzadas*. Campinas: Papirus, 1993.